

# Os reflexos dos processos de transformação nos modos de morar das famílias rurais de Minas Gerais - Brasil

*Eduarda da Costa Rodrigues, Neide Maria de Almeida Pinto  
y Ana Louise Carvalho Fiúza*

## Resumo

Muito se tem discutido no meio acadêmico de ambientes urbanos e áreas rurais, de modo a fim de compreender a influência do processo de urbanização no campo, tentar verificar por meio das variáveis selecionadas, a influência ou não estas mudanças nos estilos de vida considerados rural, a penetração dos moradores subsistência urbanos no campo é através da escolha do tema frontal para alterar processo social que não ocorre de maneira uniforme. Usando dados da Pesquisa Nacional de Domicílios - PNAD 2012, sobre o estado de Minas Gerais, a metodologia utilizada foi a análise exploratória de dados e de regressão logística subsequente. Pode ser através de investigação descobriu que 8,4% da população rural de mineração apresenta características de um estilo de vida urbano, o que nos permite dizer que não se limita às cidades.

**Palavras-chave:** Estilo de vida; Modo de vida; Construção do campo

## Introdução

Os equipamentos contidos na habitação, assim como os móveis e demais utensílios são capazes de informar sobre o modo de vida das pessoas que lá habitam, e conseqüentemente sua relação com o campo, ou com a cidade, devido a obsolescência de alguns utensílios, como também o surgimento de outros. Com a finalidade de compreender a influencia do processo de urbanização na zona rural de Minas Gerais, busca-se verificar através das variáveis selecio-

nadas, a influência ou não destas transformações nos modos de vida considerados rurais. Para tanto, é fundamental termos um embasamento histórico sobre o processo de constituição e urbanização da sociedade brasileira, dado que estas informações nos permitirão compreender a formação do modo de produção urbano-industrial capitalista que se relaciona estreitamente com o enfraquecimento da economia estabelecida no Brasil colônia e o florescimento da economia de mercado.

De acordo com Algranti (1997), no início da colonização brasileira, a casa era um local onde muitas atividades se desenvolviam e por meio da casa e de seu entorno muitos aspectos importantes sobre a vida de seus moradores podiam ser percebidos. Durante os três primeiros séculos, as casas eram simples, pobres, pequenas, de somente um pavimento e construídas com materiais encontrados na região, como barro, madeira e pedras. Os móveis eram poucos porque haviam poucos recursos e artesãos especializados na confecção de tal. Ainda segundo Algranti (1997), com o passar dos anos, a vida na colônia foi se transformando e se sofisticando através dos costumes trazidos pelos imigrados e conseqüentemente os modos rústicos foram sendo substituídos pelo conforto ou pelo menos por uma forma incipiente dele.

Segundo Porto (1994), no Brasil, a diferença entre campo e cidade começou a ser delineada a partir de 1820, em que, por meio do modo de vida burguês desponta um processo incipiente de urbanização, antes do processo “oficial” por meio das diferenças econômicas e culturais entre a parcela mais abastada da população e os menos abastados. O fenômeno da urbanização não aconteceu de maneira uniforme, mas sim cada região se desenvolveu no seu ritmo, de acordo com as suas possibilidades, acentuando as disparidades regionais que perduram até os dias atuais. Dessa maneira a vida nas cidades começou a se diferenciar da vida no campo, independente da posição social do habitante. De acordo com Folador e Teixeira (2005) grande número de atividades que outrora foram consideradas pertencentes a vida urbana foram sendo incorporadas no dia a dia dos habitantes da zona rural, gerando um certo desconforto com o fato de que o rural está sendo “urbanizado”, e com isso perdendo suas características marcantes, resultando em uma diminuição do reconhecimento do valor da cultura camponesa.

Rambaud (1969) conceitua a urbanização, como um processo maior do que a “divisão” entre campo e cidade, que vai além do aumento da população pela migração das áreas rurais para as zonas urbanas, considerando a disse-

minação de um modo de vida que se espalha a ponto de se tornar universal e de resultar em um homem de identidade homogênea. Tamanha transformação não é responsabilidade somente dos moradores da cidade, mas sim a consequência de uma hibridização de modos de vida urbanos e rurais. A urbanização é assim, proveniente de um movimento complexo, que afeta as esferas econômica, social, intelectual e afetiva, permitindo realizar a diferenciação de uma sociedade. Não se trata de um processo pacífico, mas sim, cheio de conflitos, pois de acordo com características como sexo e idade, a tendência é para que haja uma maior ou menor suscetibilidade de aceitação à cultura urbana, por exemplo, mulheres, jovens e pessoas não ligadas a atividades agrícolas, em teoria, são mais simpatizantes da cultura urbana do que homens, idosos e agricultores. Dessa maneira, não se fala de um desaparecimento do rural, mas sim uma questão de hibridização entre o que de melhor o rural e o urbano tem para oferecer (Rimbaud, 1969).

A racionalidade do modo de vida urbano a cada dia mais adentra a zona rural através do oferecimento de serviços básicos como água encanada e eletricidade, assim como, pela presença de bens materiais, mobiliários e enfeites, tornando muito difícil a caracterização da casa como sendo rural ou urbana, pois a presença destes elementos os torna muito parecidos em composição (Endlich, 2010). Rimbaud (1969) complementa este raciocínio ao considerar que a ética voltada para o consumo é introduzida na zona rural a partir do aumento da possibilidade dos moradores de acessar serviços e bens de consumo. Ao ter a possibilidade de acesso, os rurais passam a querer modificar-se e introduzir aspectos presentes na cidade para se sentirem pertencentes a uma lógica mais abrangente do que a que vivenciaríamos caso não adquiríssemos tais bens e serviços. Esta inclusão de aspectos urbanos aos domicílios rurais não busca realizar um rompimento com suas origens, seu passado, mas sim, representa uma forma de utilização das inovações para rememorar o passado. Trata-se de uma aproximação entre realidades antes definidas de maneira distinta, possibilitando que certos produtos sejam adquiridos tanto para suprir necessidades, quanto para auxiliar/proporcionar lazer aos rurais. Pelas transformações ocorridas na forma de organização social, muito acarretadas pelas transformações sofridas pelo campo através da modificação do mesmo enquanto unidade produtora, a definição de rural e urbano se tornou muito complexa, cheia de nuances e exceções, afinal, elementos que outrora seriam

considerados como pertencentes ao modo de vida urbano foram incorporadas ao modo de vida rural, sendo o oposto também uma perspectiva verdadeira, resultando em uma miscelânea híbrida de modos de vida.

## Objetivo

Identificar através dos dados da PNAD para o estado de Minas Gerais as mudanças na estrutura das casas e no seu aparelhamento, considerando os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD do ano de 2012.

## Metodologia

Este artigo traz dados referentes ao estado de Minas Gerais, que se referem ao perfil socioeconômico, ao acesso à informação e ao acesso a bens de consumo e serviços distribuídos pela situação censitária rural e urbano. Os dados apontam para tendências de comportamento, já que são característicos de todo o estado. Os dados foram extraídos do banco de dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) no ano de 2012, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com o auxílio do software *Stata 12.0*. Durante o procedimento os dados foram tratados enquanto uma base de dados complexa. Realizou-se, a retirada de valores discrepantes. Posteriormente, os dados foram transpostos para o software *Statistical Package for Social Sciences - SPSS 20.0*, onde foi realizada a descrição das variáveis com o auxílio da ferramenta dicionários de variáveis, fornecida pela própria PNAD. Para a realização da análise, inicialmente partiu-se de uma análise exploratória dos dados, posteriormente foi realizada uma regressão logística.

A amostra utilizada foi composta de 13.007 observações. Dessa amostra, 11.644 referem-se à população urbana, enquanto que 1.363 são referentes à população rural. Pelas delimitações realizadas no modelo, busca-se encontrar o perfil do habitante da zona urbana, logo, qualquer um que não se encaixe no modelo será considerado morador da zona rural.

As variáveis independentes utilizadas a partir da teoria para realizar os constructos foram:

- Perfil socioeconômico: a literatura nos apresenta que a tendência para o perfil do habitante da zona rural seria composto por homens, idosos e agricultores.
- Acesso a tecnologias de informação e comunicação: Motivado pelo proces-

so de urbanização, espera-se que o acesso a celulares e busca da posse de computador, por acesso a internet e televisão aumentem.

- Acesso a bens de consumo e serviços públicos: os modos de consumo dos rurais vão se alterando a partir da inspiração no modelo urbano, logo, voltado para a compra de bens materiais, buscando se aproximar do conforto oferecido pelos centros urbanos, tipo de material predominante na construção, posse de geladeira, maquina de lavar e posse de veículo foram utilizadas para realização do modelo estatístico, assim como os serviços públicos: acesso à água encanada, acesso à iluminação elétrica.

Trata-se de um modelo que busca descrever a relação entre uma variável dependente, neste caso a situação censitária e variáveis independentes (que buscam explicar a relação existente). A regressão logística se diferencia de outras técnicas estatísticas por a variável dependente ser dicotômica e além disso permitir a classificação de fenômenos em categorias que serão capazes de estimar a probabilidade de ocorrência de um evento. Assim, o modelo obtido é capaz de identificar a probabilidade de ocorrência de um evento e apresenta uma porcentagem geral de acerto. As variáveis independentes podem possuir natureza categórica ou métrica (Corrar e Filho, 2009).

## Resultados

A amostra utilizada foi composta de 13.007 observações. Dessa amostra, 11.644 referem-se à população urbana, enquanto que 1.363 são referentes à população rural. Pelas delimitações realizadas no modelo, buscas-e encontrar o perfil do habitante da zona urbana, logo, qualquer um que não se encaixe no modelo será considerado morador da zona rural. O valor obtido no teste do qui-quadrado foi menor que 0,005 podendo-se considerar que obteve-se uma correlação entre o fenômeno em pelo menos uma das variáveis.

O modelo foi capaz de classificar 8,4% dos moradores da zona rural, como sendo moradores da zona urbana. Já para a população urbana o modelo foi capaz de prever que 99,6% das pessoas enquadradas nesse grupo realmente eram urbanas. De maneira geral o modelo será capaz de prever corretamente 90,0% dos casos estudados, com relação a possuírem modos de vida urbanos ou rurais.

De acordo com o nível de significância obtido, pode-se afirmar que as va-

riáveis: rendimento mensal, idade, anos de estudo, posse de telefone celular, posse de geladeira e posse de carro ou moto poderiam ser utilizadas no modelo. Já que seus coeficientes não foram nulos, isso significa que essas variáveis exercem influência direta na hora de caracterização do modo de vida, considerando-o como rural ou urbano. As variáveis: material de composição das paredes, iluminação e posse de televisão não possuem grande significância para o modelo, pois sua significância não foi nula, não sendo boas variáveis para caracterização do modo de vida seja rural ou urbano. Além do mais, as variáveis: rendimento, anos de estudo e posse de carro ou moto mostraram coeficientes positivos, logo, uma variação positiva aumentaria a possibilidade do individuo ser considerado urbano. Era esperado que as variáveis: posse de geladeira e posse de celular fossem positivas, dados os resultados dos testes de frequência, pois eles nos apresentaram que ao morar na zona urbana a possibilidade de possuir estes bens aumentava se comparada a moradores da zona urbana.

Além do mais, as variáveis: rendimento, anos de estudo e posse de carro ou moto mostraram coeficientes positivos, logo, uma variação positiva aumentaria a possibilidade do individuo ser considerado urbano. Era esperado que as variáveis: posse de geladeira e posse de celular fossem positivas, dados os resultados dos testes de frequência, pois eles nos apresentaram que ao morar na zona urbana a possibilidade de possuir estes bens aumentava se comparada a moradores da zona urbana.

De acordo com os resultados apresentados, a equação que representa o modelo para as variáveis estudadas segue abaixo.

$$\ln \left( \frac{P(\text{sucesso})}{1 - P(\text{sucesso})} \right) \\ = -38,656 + 0,001 (\text{Renda}) + 19,566(\text{Anosestudo}) - 1,490(\text{Celular}) \\ - 1,307(\text{Geladeira}) + 0,644(\text{Carramoto})$$

## Conclusões

De acordo com o modelo obtido, as variáveis rendimento mensal, idade, anos de estudo, posse de telefone celular, posse de geladeira e posse de carro ou moto seriam as mais adequadas para caracterizar o modo de vida como rural ou urbano. Podemos considerar assim que o acesso a certos bens e serviços considerados inicialmente como urbanos não se restringem a es-

tes moradores, mas sim, são incorporados por moradores da área rural, nos permitindo comprovar que o campo não é um local estático, pois sofre constantes transformações e seus habitantes desejam usufruir de parte do modo de vida urbano (Rambaud, 1969). Com relação à técnica estatística utilizada, o modelo considerou que 8,4% dos moradores da zona rural eram moradores da zona urbana, permitindo-nos afirmar que apesar das grandes diferenças presentes entre o meio rural e urbano desde o início da urbanização do Brasil, por o modo de vida urbano ter se tornado amplo, ele ultrapassou os limites da cidade e evidenciou uma nova maneira de morar rural pela aquisição de algumas de suas características. Através dos resultados podemos afirmar que a urbanização trouxe algumas transformações no modo de vida das famílias rurais, pois elementos da cultura urbana foram incorporados. Observou-se que de modo geral, o processo de mudanças de um modo de vida rural se dá de forma mais visível pelas variáveis relacionadas ao consumo, no que se refere ao acesso à bens e serviços de origem urbana.

## Referências Bibliográficas

- Algranti, L. M. (1997). Famílias e vida doméstica. En L. M. Souza (Org.), *História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa* (pp. 83-154). São Paulo: Companhia das Letras.
- Endlich, A. M. (2010). Perspectivas sobre o urbano e o rural. En: M.E.B. Sposito e A.M. Whitacker (Orgs.). *Cidade e campo: relações e Contribuições entre urbano e rural* (pp. 11-31). São Paulo: Editora Expressão popular.
- Folador, A. C. e Teixeira M. (2005). A “urbanização” do campo e suas implicações para a sustentação da pedagogia da alternância: percepções de uma comunidade rural. *III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente*.
- Porto, M. R. S. (1994). *Escola rural: Cultura e imaginário* (Tese de Doutorado), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Brasil.
- Rambaud, P. (1969). *Société Rurale et Urbanisation*. Paris: Ed. du Seuil. 1ª ed.